



ANTES DO PASSADO E OS REFLEXOS DA HERANÇA DITATORIAL NO TEMPO PRESENTE

ANTES DO PASSADO AND THE REFLECTIONS OF THE
DICTATORIAL HERITAGE IN THE PRESENT TIME

Janaína Buchweitz e Silva¹
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo analisa a obra literária *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*, publicado em 2012 por Liniane Haag Brum, sobrinha de um desaparecido do regime ditatorial brasileiro que tematiza em suas páginas a herança de dor legada aos familiares de desaparecidos políticos. Analisando a desapareição forçada que caracterizou parte do movimento ditatorial no Brasil dos anos de chumbo, o texto de Liniane esmiúça as dificuldades em se vivenciar o luto no contexto da ausência do corpo físico, se desdobrando para as sequelas dessa violência no tempo presente. Desta forma, a literatura de Liniane Brum se constrói partindo da estrutura de pós-memória abordada por Hirsch (2021), que cunhou o termo para designar a memória das gerações descendentes àquelas que viveram os acontecimentos.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Guerrilha do Araguaia; Luto; Desapareição forçada; Pós-memória.

Abstract: This article analyzes the literary work *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*, published in 2012 by Liniane Haag Brum, author of a missing person from the Brazilian dictatorial regime, which thematizes in its pages the legacy of pain bequeathed to the relatives of political disappeared. Analyzing the forced disappearance that characterized part of the dictatorial movement in Brazil in the leaden years, Liniane's text details the difficulties in experiencing mourning in the context of the absence of the physical body, unfolding to the sequels of this violence in the present time. In this way, Liniane Brum's literature is constructed based on the post-memory structure addressed by Hirsch (2021), who coined the term to designate the memory of generations descending from those who lived through the events.

¹ E-mail: janaesilva@yahoo.com.br.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Araguaia Guerrilla; Grief; Forced disappearance; Postmemory.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia é uma obra literária escrita por Liniane Haag Brum² e publicada no ano de 2012. O livro possui inspirações autobiográficas, posto que a narradora se remete à busca por informações sobre o paradeiro do tio, um militante político que combateu na Guerrilha do Araguaia³, tendo se tornado um desaparecido político, situação correspondente à vivenciada pela autora Liniane, que cresceu buscando desvendar parte da vida de seu tio e padrinho Cilon Cunha Brum. Na obra, a autora testemunha suas experiências de familiar de desaparecido político, visando reconstituir parte da história de vida de seu tio Cilon Brum/Simão/Comprido, um militante político que foi assassinado na Guerrilha do Araguaia, e cujo corpo jamais foi encontrado. A herança de dor legada aos familiares de desaparecidos políticos é bastante evidenciada no decorrer da narrativa, que tematiza a ausência do corpo do familiar bem como a consequente impossibilidade de luto ocasionada pela

² Liniane Haag Brum nasceu e cresceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e hoje vive em São Paulo. Iniciou a carreira de escritora com o romance semi-documental *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*, publicado pela Arquipélago Editorial em 2012, em que conta sobre a busca do seu tio Cilon Cunha Brum, desaparecido político no Araguaia durante a ditadura brasileira de 1964-1985. Em 2017 publicou o livro de contos *O caranguejo e outras histórias de amor, sedução e morte*, pela Editora Patuá, e em 2022 publicou o livro de poesia *Pós-paisagem*, pela Teluazu Edições. Além de escritora, atua como docente, pesquisadora e roteirista, tendo concluído o mestrado em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP e o doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP.

³ A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de resistência ao regime ditatorial brasileiro, que se desenvolveu na região amazônica brasileira, ao redor do rio Araguaia, nas proximidades da região do Bico do Papagaio (Tocantins) e no seu entorno (incluindo territórios dos estados do Pará e do Maranhão), tendo sua organização se iniciado no ano de 1966. Coordenada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), objetivava fomentar uma revolução socialista e um movimento de resistência ao regime militar a partir do campo. O governo brasileiro descobriu a existência da guerrilha no início de 1972, e após três campanhas militares exterminou o movimento em 1974. Segundo dados do dossiê *Brasil: nunca mais*, aproximadamente 50% dos desaparecidos políticos do período ditatorial brasileiro militaram na região do Araguaia.

desaparição forçada a que foram submetidos parte dos militantes que buscaram combater o regime ditatorial brasileiro, dentre eles o tio da autora.

1 A DESAPARIÇÃO FORÇADA: DA AUSÊNCIA DO CORPO À IMPOSSIBILIDADE DO LUTO

Analisando o que resta da ditadura na contemporaneidade, Teles e Safatle (2010) argumentam que os atos de violência e tortura dos dias atuais possuem relação com o passado ditatorial, posto que impera até o presente a impunidade para aqueles que perpetraram as barbáries do regime. Os autores ressaltam a forma como se deu o processo de anistia no Brasil, que ocasionou em um silenciamento sobre os crimes do passado que impacta no tempo presente. Sobre o autoritarismo herdado do regime, mencionam também a relevância do desaparecimento dos corpos dos militantes, sob o que ele denomina de um dos primeiros atos de memória da ditadura:

Como rastro do passado, o desaparecimento forçado ganha maior relevância ao simbolizar a tentativa de apagar o ocorrido – não poderia restar nada, nem mesmo os ossos –, em um presente no qual esse crime se constitui como recordação incessante da violência. A ausência de um *topos* para o desaparecido – um túmulo – impede a realização do luto e não permite ao que foi perdido vir a ser substituído por algo alocado em memórias periféricas. A permanência do rastro dos desaparecidos traz às novas democracias a imprescritível lembrança da repressão: “o rastro pode se voltar contra aquele que o deixou e até ameaçar sua segurança”. Torturar e matar para depois desaparecer com os corpos foi um dos primeiros atos de memória da ditadura e a presença dessa memória na vida pública brasileira é signo da mudez da democracia em relação a sua herança autoritária. (TELES; SAFATLE, 2010, p. 309)

Ao abordar o tema da desapareição, Gatti (2019) ressalta as diversas linguagens que são mobilizadas ao redor da ausência que se origina com o desaparecimento, que no caso da desapareição forçada torna-se ainda mais intensa e dolorosa para aqueles que ficam:

É uma ausência que dói, mas ainda mais, porque é uma má ausência – imprevista, catastrófica, repentina, violenta–, que se administra com dificuldades e deixa aqueles que a sofrem em estados individuais e coletivos para os quais há poucos livros de receitas, pois afeta a tudo: às coisas, às evidências, às palavras, à linguagem, às imagens. A ausência é, portanto, um tópico do desaparecimento, e um tópico certo. Tanto que se converteu em um lugar comum de todas as artes atuais do desaparecimento: no direito, porque há ausência de provas, de testemunhos; no campo psi, porque havendo ausência de morto há também de luto; nas ciências sociais, porque falta muito do que constitui a uma vida ordinária; no campo da arte, porque representar o desaparecimento – desenhando-o, esculpindo-o, fotografando-o, contando-o – supõe, em si, uma contradição. (GATTI, 2019, p. 186, tradução minha)⁴

Gatti busca entender o sentido da ausência na figura do desaparecido social, propondo uma diferenciação entre desaparecimento e ausência, posto que aquele que desaparece permanece presente entre aqueles que restam, seja pela dor, seja pela lembrança, nos levando a pensar nos desaparecidos como aqueles que brilham por sua ausência, conforme foi Cilon Brum na vida de sua sobrinha, que narra essa ausência sempre presente ao longo das páginas de *Antes do passado*: “Tio Cilon me acompanhou sempre. Era alto, magro, cabelo preto e liso, repartido ao lado. Tão bonito. Meu padrinho era lindo. Pena que quando eu nasci ele desapareceu.” (BRUM, 2012, p. 19).

Liniane tentou lidar com a perda do tio ao longo de toda sua vida. Partiu em busca de sua história e narrá-la foi a forma que encontrou para superar minimamente a dor da ausência que sempre a acompanhou. A seguir um

⁴ No original: “Es una ausencia que duele, pero más, porque es una mala ausencia – imprevista, catastrófica, repentina, violenta –, que se gestiona con dificultades y deja a los que la sufren en estados individuales y colectivos para los que hay pocos recetarios, pues afecta a todo: a las cosas, a las pruebas, a las palabras, al lenguaje, a las imágenes. La ausencia es pues un tópico de la desaparición, y un tópico cierto. Tan tópico que se ha convertido en un lugar común de todas las artes actuales de la desaparición: en derecho, porque hay ausencia de pruebas, de testimonios; en el campo psi, porque habiendo ausencia de muerto la hay también de duelo; en ciencias sociales, pues falta mucho de lo que hace a una vida ordinaria; en el campo del arte, porque representar la desaparición – dibujarla, esculpirla, fotografiarla, contarla – supone, en sí, una contradicción.”

fragmento da primeira carta destinada por Liniane à sua avó, dona Lóia, em que se evidencia a angústia vivenciada pelos familiares de desaparecido político:

São Paulo, 20 de novembro de 2005

Vó Lóia,

Essa noite sonhei com tio Cilon. Eu estava no meio da floresta e gritava seu nome. Estávamos perto um do outro, mas ele não me ouvia e eu não o enxergava. O sonho era como um filme em que, a um só tempo, eu atuava e assistia à fita: de fora via que bastariam alguns passos para que nos encontrássemos. Mas, dentro da floresta, só percebia o eco da minha voz e o breu da mata fechada.(...)

Vó, estou buscando o tio Cilon. É sobre isso que preciso lhe falar.

Sempre desejei encontrá-lo. Uma vontade que ia aumentando à medida que ele não voltava. Quando criança pequena vasculhava álbuns de família e prestava atenção às conversas dos adultos. Aos poucos, entendi que comentar seu nome causava mal-estar. (Mas por quê, se ele era tão querido?!) Muitas vezes ficava, em silêncio, imaginando tio Cilon, adivinhando o timbre de sua voz, os trejeitos, o sorrir. O que ele fazia quando estava bravo e o que gostava mais de comer. Esse tipo de coisa, que poderia ter perguntado até para a senhora. Mas não podia.

Também o mistério em torno do que tinha acontecido com ele me intrigava, pois, se era um desaparecido político, se nos livros e listas oficiais havia o nome do lugar do desaparecimento, então ele não era tão desaparecido assim... Isso me angustiava demais – como se sabe o ano e o local do sumiço de uma pessoa?

Por isso eu ia buscar tio Cilon lá atrás, na memória, mas num lugar que só podia ser alcançado no futuro. E aguardava esse futuro enquanto procurava notícias nas coisas aparentemente sem sentido para a minha busca cheia de medo e segredo. (BRUM, 2012, p. 35-36, grifos da autora)

Além do sentimento de angústia, o desejo de encontrar o tio e a incredulidade sobre a situação vivida são dimensionadas na narrativa de Liniane, que conforme observa Coronel (2021), também problematiza o termo *desaparecimento*: “Como desaparece alguém que foi visto “pela última vez” em data e local precisos? – o questionamento da sobrinha oportuniza ao leitor enxergar o absurdo lexical que herdamos enquanto sociedade do período de exceção.” (CORONEL, 2021, p.49).

Passado um período da publicação de *Antes do passado*, cujo processo de escrita de certa forma apaziguou a dor da autora, Liniane faz uma autocrítica sobre a forma com que empreendeu a busca pela reconstituição da vida do tio,

ressaltando a necessidade que sentia em fazer a imagem de Cilon, de alguma forma, reaparecer:

Hoje me parece um método um tanto caótico, sair a esmo perguntando. Mas na época fazia muito sentido. Precisava ser assim, pois tratava-se, sobretudo, de uma busca pessoal e emocional, num contexto marcado por interrogações e pesquisas referenciais cujas referências, em se tratando de guerrilheiros e camponeses, eram sempre as mesmas (ou os mesmos): os líderes do partido, jovens militantes que se destacaram por terem morrido bravamente, jovens militantes cujos restos mortais foram encontrados, notórios sobreviventes. Não acho que caiba, no caso do Araguaia, que, ao fim e ao cabo, foi um extermínio e não uma guerrilha hierarquizar mortes e importâncias. Lá, uma vida subtraída, um corpo seviciado, uma pessoa perseguida, envolve, como se sabe, a violência estratégica e organizada, o dito terrorismo de Estado. Mas é verdade também que sempre doeu não ouvir o nome de Cilon mencionado publicamente por seus ex-companheiros ou por sobreviventes; assim, feita a conta emocional, o vácuo de seu desaparecimento somou-se à mudez de velhos companheiros e ao fato de os meios de comunicação, sempre pautados em direção aos mesmos “personagens” e assuntos, calarem sobre sua pessoa. Não, não estou pleiteando isonomia de tratamento público a todos os participantes da Guerrilha. Quero apenas externar o processo, afirmando que a conta emocional, neste caso, era conta justa: se indagasse os personagens *habituais*, teria as mesmas respostas, a narrativa *pseudo-hegemônica* (me refiro às narrativas de “destacados personagens resistentes”, sempre necessárias e legítimas) reiterada. Lembrando: o que eu queria? Queria, sobretudo, fazer aparecer Cilon e seu desaparecimento. (BRUM, 2020, p. 206-207, grifos da autora)

O assassinato de Cilon Brum juntamente com o de mais dois companheiros de movimento foi confirmado no dia primeiro de julho de 2009, através de uma reportagem da revista *Veja* que continha uma entrevista com um militar, sendo a referida reportagem abordada em *Antes do passado* da seguinte maneira:

O primeiro a cair foi Antônio. Um tiro na cabeça fez com que seu corpo tombasse. Depois tio Cilon: Cilon Cunha Brum. Não especificaram se o tiro foi no crânio, como o outro jovem. Mas os atiradores descarregaram as armas. A munição que tinham foi toda para os corpos. A fonte, participante ativa no evento, garantiu ao jornalista que “parecia pelotão de fuzilamento”.

Outro dado que a fonte informou: os corpos dos militantes do PC do B ficaram insepultos. Os dois jovens, ambos de 28 anos, foram largados ao relento. Houve quem se preocupasse em cobri-los com folhas, mas parece que não adiantou grande coisa: os bichos foram atraídos pelo cheiro. “A ordem era não deixar sair ninguém de lá vivo”, o anônimo explicou ao repórter. “Era uma missão e cumprimos o que foi determinado.” (BRUM, 2012, p. 126)

Nesse momento, evidencia-se a dificuldade da narradora em processar a informação divulgada pela reportagem, dado que a história de Cilon fora marcada por incertezas, e com isso havia esperanças por parte da sobrinha, bem como de sua família, de que seu destino houvera sido outro. O tema dos desaparecidos políticos, tão relevante dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia, ao ser novamente evocado em *Antes do passado* opera como forma de dar luz aos envoltos pela escuridão do silenciamento, do ocultamento de seus corpos e dos rastros de uma militância combativa que através da literatura pode ser resgatada e melhor compreendida no tempo presente.

A ausência de um corpo para velar origina a impossibilidade da vivência do luto, ocasionando um trauma para toda a família, o que é testemunhado e evidenciado ao longo do texto de Liniane. O aniquilamento e posterior ocultamento dos corpos dos militantes que foram dizimados pelo exército na Guerrilha do Araguaia pode ser considerada uma das heranças mais traumáticas que esse episódio nos legou, tanto aos familiares dos desaparecidos, quanto aos moradores que sobreviveram e presenciaram as exposições dos corpos (o episódio dos helicópteros içando e exibindo os corpos dos guerrilheiros é mencionado nos quatro textos que tematizam a guerrilha), e evidencia o aniquilamento da vida de acordo com o seu valor político, uma vida nua, matável e descartável, aos moldes do que conjura Agamben (2010), para quem o poder soberano materializa o estado de exceção, criando condições para que a vida nua e a norma entrem em um limiar de indistinção. Por vida nua, entende-se uma vida matável e sacrificável, de acordo com seu valor político:

Na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal. A vida, que, com as declarações dos direitos, tinha sido investida como tal do princípio de soberania, torna-se agora ela mesma o local de uma decisão soberana. (AGAMBEN, 2010, p. 138)

A exposição dos corpos dos guerrilheiros, já sem vida, içados pelos helicópteros das forças armadas, talvez seja a maior demonstração da condição de vida nua a que foram submetidos os militantes que combateram a ditadura militar no Brasil: a agressão da morte, muitas das vezes seguida de uma mutilação, a posterior exposição do corpo já sem vida e mutilado, e a seguir o seu desaparecimento. Não bastava somente matar e mutilar, era necessário publicizar e exhibir o feito, para que somente depois houvesse o apagamento dos rastros. Brutalidade retratada na literatura, que busca na catástrofe da Guerrilha o entendimento sobre um passado que reverbera no presente.

O tema do luto obtém destaque na narrativa da autora, que chamou para si a responsabilidade em descobrir o destino de seu tio, como forma de trazer algum tipo de consolo tanto para ela quanto para os demais membros da família, principalmente seus avós, os pais de Cilon, a quem dedica o livro *Antes do passado*. Nesse sentido, podemos entender a narração de Liniane como uma tentativa de superação de um trauma e de resolução de um luto, apontando ainda para o trauma coletivo que o período da ditadura brasileira deixou como legado à sociedade.

Segundo Catela (2001), no caso dos desaparecidos políticos se percebe uma falta de compaixão coletiva, já que a morte é objetivada a partir da relação que se estabelece com os outros, que são aqueles que se solidarizam com a dor, e no caso dos desaparecimentos, os outros são classificados associados ao silêncio, à ignorância ou à negação da situação. De fato, a não existência de um momento único de dor, a falta de obrigações morais sobre o morto, e o desconhecimento sobre as formas da morte fazem com que a categoria do desaparecido adquira

uma tripla condição: a falta de um corpo, a falta de um momento de luto e a falta de uma sepultura. Sobre a importância da recuperação do corpo, Catela menciona que:

A recuperação do corpo é posta no plano das “certezas”, num nível em que, paradoxalmente, se fala mais da vida do que da morte, mais dos planos para o futuro do que do passado. Ela é situada como o início de uma nova etapa, de elementos que contribuem para “curar”, para poder estabelecer limites. A importância de recuperar o corpo resume a possibilidade de um acontecimento, de um ritual em companhia dos que se solidarizam com sua dor. O desaparecimento se transformaria em morte e, assim, ela seria domesticada, seria sintetizada com a ideia de um limite ou de um ponto. Pensa-se na recuperação de um cadáver e em lhe dar uma sepultura ou em queimar seus ossos e espalhar suas cinzas como sinal de liberdade. O que os rituais permitiriam, além do fato de aceitar a morte, seria dominar a sensação de que estes corpos estejam jogados ao acaso, confundidos entre muitos outros. Para além da necessidade de recuperar os corpos, trata-se de uma intensa procura para resgatar a história desse indivíduo. (CATELA, 2001, p. 156)

Isto posto, o caso de Liniane bem como dos familiares de desaparecidos é mais complexo, na medida em que é baseado na imprecisão do luto, já que ocorre uma perda marcada pelo desconhecimento, baseada em uma situação de incerteza em que se desconhecem informações sobre o estado de vida ou de morte de um ente querido, o que acaba por tornar mais complexa ainda a diferenciação entre melancolia e luto⁵. Sobre a necessidade do luto, Catela (2001) argumenta que:

⁵ A melancolia e o luto foram aproximados por Sigmund Freud em *Luto e melancolia* (1917). Buscando esclarecer a natureza da melancolia, o autor optou pela correlação entre melancolia e luto por perceber semelhanças entre suas condições, bem como entre as causas que lhes originam. Entendendo, de maneira geral, o luto como uma reação à perda de uma pessoa amada, esse estado irá apresentar características que também serão percebidas em um ser melancólico, quais sejam o sentimento de dor, o desinteresse pelo mundo, a perda da capacidade de amar e a inibição geral na capacidade de realizar tarefas.

O que diferenciaria o luto da melancolia, segundo Freud, seria o que ele denominou de uma depreciação do sentimento-de-Si [*Selbstgefühl*], que seria característico somente do estado melancólico. Freud destaca que o trabalho de luto absorve o Eu do sujeito, o que é feito de maneira consciente, já que é sabida e conhecida a causa que origina o luto, diferentemente do que ocorre

Como fato social, a morte gera uma modificação no tempo e no espaço do grupo social afetado. Estas mudanças têm como referencial principal as obrigações, os comportamentos e os ritos religiosos ou seculares que, por um determinado período, provocam uma espécie de intensificação dos sentimentos, emoções e estados corporais. O tempo e o espaço se concentram e, como em uma espiral, se tornam profundos e intensos. O que acontece quando este tempo-espaço não pode concentrar-se, quando se estende por anos, se mescla com a vida cotidiana, se dispersa ou se concentra em períodos que não estão diretamente relacionados com o momento da morte? O desaparecimento provoca uma ação inversa à concentração de espaço-tempo requerida socialmente para enfrentar a morte. Os familiares de desaparecidos, por muitos anos, *esperam, buscam, abrem espaços*. Esperam a volta do ente querido vivo, buscam pistas, informação precisa sobre o local, modo e data da morte, esperam o reconhecimento dos corpos e exigem respostas do Estado, exigem punições para os desaparecimentos. O desaparecimento pode ser pensado como uma *morte inconclusa*. (CATELA, 2001, p. 141-142)

Já no entendimento de Avelar (2003), “o trabalho de luto só pode ser levado a cabo através da narração de uma história” (AVELAR, 2003, p.235). Nesse sentido, a história narrada em *Antes do passado* pode operar como a supressão de uma falta para Liniane, no sentido de enfim reconstituir o luto da autora e da sua família. Conforme argumenta o autor:

Os mortos que não foram enterrados, aos que se permitiu ficar ao redor dos vivos como fantasmas, não podem ser objeto de luto. Cabe aos vivos restituir os mortos ao reino dos mortos e liberá-los da condição incerta de fantasmas sem nome, irreconhecíveis. Para usar uma expressão cara a Freud, a tarefa seria transformar uma repetição numa memória. A restituição dos mortos ao reino dos mortos representaria uma extrojeção que, entretanto, não pode senão ser percebida pelo sobrevivente como uma traição. Para o enlutado um trabalho de luto concluído equivaleria a um segundo assassinato dos

na melancolia, já que na maioria das vezes não é possível determinar o que ocasiona essa sensação. A melancolia para Freud torna-se de certa forma enigmática, na medida em que não é possível saber o que realmente está absorvendo o melancólico. No entanto, Freud supõe que a consequência da perda na melancolia se assemelhe à que ocorra no processo de luto. No caso do luto, é o mundo que se torna pobre e desinteressante, já na melancolia o empobrecimento volta-se para o eu, através de uma “depreciação do sentimento-de-Si” (FREUD, 2006, p. 105).

mortos. A transformação da repetição compulsiva em recordação termina por não diferenciar-se, aos olhos do enlutado, de sua submersão nas águas barrentas do esquecimento. Ela aprende que a reativação da memória na pós-ditadura não pode senão criar condições para um esquecimento reflexivo e ativo, e isto conduz, de novo, à melancolia. (AVELAR, 2003, p. 255-256)

A narradora busca consolação para o fato de o corpo do tio não ter sido sepultado, e também tenta consolar sua família, em especial a avó. No fragmento a seguir, uma das muitas passagens poéticas do testemunho de Liniane, em que o trato com a linguagem evidencia a qualidade estética da literatura de testemunho por ela produzida:

Seu filho Cilon não foi enterrado. Foi semeado. Deixado em cima da terra como grão que um dia vai germinar. Exatamente como diz outro poema, aquele que o pai e os tios colocaram na lápide que aguarda Cilon Cunha Brum: “Mortos? Quem disse se vivos estão, não morre a semente jogada na terra, os frutos virão...” Tal qual disse o poema, o tio foi semeado.

Foi germinando, enquanto nós aguardávamos nossa espera redemoinha.

Hoje tenho a sensação de que intuíamos tudo – mesmo quando não sabíamos de nada.

Mesmo quando tudo o que havia era o silêncio.

Saudade enorme,

Nani (BRUM, 2012, p. 241-242, grifos da autora)

Todavia, também se percebem características de melancolia na narrativa de Liniane, que em diversas passagens relata a falta de sentido de sua vida, bem como a influência da vida de seu tio na sua. Sobre a escrita de *Antes do passado*, a autora comenta que foi um “Trabalho visceral que deu sentido a minha vida ao reconstruir a vida de meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum.” (BRUM, 2012, p.13). A própria autora constata posteriormente o tom melancólico de sua escrita:

É preciso dizer que a busca percorreu tanto lugares geográficos quanto espaços emocionais, memoriais e o imaginado. A um ponto em que tudo se misturou. Às vezes de um modo mais racional. Quase sempre em tom melancólico e emocional. Não acho que seja meu papel avaliar o que fiz do ponto de vista da linguagem, embora muitas vezes, por força das

circunstâncias que em grande parte eu mesma me coloquei, o faça. (BRUM, 2020, p.205)

Segundo argumenta Kristeva (1989), o deprimido é um habitante do imaginário, que com inquietação e nostalgia busca um tempo passado, um fato de memória que se perdeu. A autora entende que o melancólico vive um passado que não passa, uma temporalidade descentrada:

O tempo em que vivemos sendo o do nosso discurso, a palavra estranha, retardada, ou dissipada do melancólico o conduz a viver numa temporalidade descentrada. Ela não se escoa, o vetor antes/depois não a governa, não a dirige de um passado para uma finalidade. Maciço, pesado, sem dúvida traumático porque carregado de muita dor ou de muita alegria, um momento tapa o horizonte da temporalidade depressiva, ou melhor, tire qualquer horizonte, qualquer perspectiva. Fixado ao passado, regressando ao paraíso ou ao inferno de uma experiência não ultrapassável, o melancólico é uma memória estranha: tudo findou ele parece dizer, mas eu permaneço fiel a esta coisa finda, estou colado a ela, não há revolução possível, não há futuro... (KRISTEVA, 1989, p.61)

Essa sensação de passado que não passa mencionada por Kristeva é evidenciada ao longo da narrativa de Liniane, já que a história vivida pelo tio deixou marcas em toda a família Brum. Na segunda carta remetida à avó, a autora relata a satisfação e a sensação de conforto que sente ao conhecer a história do tio, como se isso contribuísse para a superação do seu trauma:

Foi tão bom poder recordar o tio Cilon desse modo. Por isso trouxe, para compartilhar com a senhora, esses traços tão conhecidos seus e perdidos no doer. Fico emocionada toda vez que vejo o pai falar do tio Cilon e de todos na família que o esperaram. De como foram esses anos. Ele sempre fala isso. E sempre vai falar, porque faz parte da estratégia de viver. Mas queria tanto que a gente pudesse parar de se condoer. Por isso trago para a senhora notícias dessas viagens em que vou registrando as pessoas e as marcas do tio Cilon nelas. (BRUM, 2012, p. 57, grifos da autora)

No capítulo em que descreve sua primeira ida ao Araguaia, a narradora menciona o sofrimento que sentiu ao se despedir do provável local em que

estariam os restos mortais de seu tio, enfatizando a sensação de abandono do ente querido:

Lembrei -me do fio de Ariadne, de João e Maria e, por fim, me dei conta do absurdo que era aquilo tudo. Jamais pensara em me embrenhar na floresta a procurar os restos mortais de tio Cilon. Tinha a convicção de que através das pessoas que haviam estado com ele, que o conheceram, poderia reconstituir sua personalidade e parte de sua vida. E, no entanto, ali estava eu na boca da floresta, avaliando a hipótese com seriedade. Pensei na família e no trauma adicional que seria se eu me perdesse para sempre por ali. Pensei em tio Cilon – será que ele me perdoaria, ou me tomaria por covarde? Precisaria de tempo para decidir – quem sabe não voltava no dia seguinte? O barulho do motor do carro apressou minha decisão (não sei se por orientação de Emerson ou se por vontade própria, o motorista manteve o automóvel ligado, como que para atravessar a conversa). “O problema é que estou de bermuda. Não trouxe nenhuma calça comprida”, menti. “Vou ser devorada pelos mosquitos.”

Ninguém insistiu. Betinho seguiu seu caminho, nós paramos numa fazenda adiante, tomamos água e fizemos o retorno.

No caminho de volta, estacionamos mais uma vez defronte a vereda que nos conduziria floresta adentro, rumo aos resquícios de tio Cilon. Sentia-me muito mal. Acreditava estar abandonando tio Cilon. Ao mesmo tempo a ideia de entrar na selva me dava a sensação de profanar o sagrado.

Como se fosse possível profanar o que, uma vez, já fora profanado. (BRUM, 2012, p. 221-222)

Liniane desculpa-se com sua avó, demonstrando consciência da incapacidade em narrar a totalidade da história do tio, já que a linguagem nunca poderá expressar a totalidade da experiência. Após coletar fragmentos e rastros, reconstrói os últimos dias de seu tio no Araguaia, o que é narrado na penúltima carta endereçada a avó:

Gostaria de ter enviado antes essa carta. Sabe, o que trago não é a história imaculada e inteira. São pedaços de recordações – pegadas e rastros que se materializaram involuntariamente em falas. O que lhe ofereço, vizinha, é um vislumbre do seu filho, feito de fragmentos. Por isso a demora, vó. Medo eu tive de ferir ao invés de confortar. De que as palavras soem ferroadas e não o afago que tanto queria lhe fazer. (BRUM, 2012, p. 239)

A autora encerra sua narrativa com uma carta em que se despede de sua avó, e novamente expressa o medo em estar abandonando um ente querido, antes o tio, desta vez a avó, o que também pode apontar a dificuldade da narradora em encerrar o seu relato e a busca que a acompanhava desde a infância:

Então percebi que chegara o momento de cessar nossa correspondência. Senti quarenta anos se passando desde que o tio Cilon entrou na igreja São Sebastião esgueirando-se, o corpo magro e alto fazendo o contorno lateral no templo até alcançar a pia batismal – e ali ungiu minha testa.

Não, vizinha, não é que esteja te abandonando – como poderia deixar para trás o que faz parte de mim? Seria como morrer um pouco. Seria deixar de ser. E, vó, sinceramente, esse espaço tão nosso que foge até mesmo da minha compreensão, esse tempo antes do passado, vizinha, vai ser sempre o lugar de tio Cilon. O recanto dele, íntegro e inteiro. Um lar onde passamos a limpo sua vida e feições. Nosso canto de polir palavras com panos plácidos e puros. E ponto.

Com amor,

Nani (BRUM, 2012, p. 260, grifos da autora)

Oscilando entre o sofrimento pela impossibilidade de vivenciar o luto oriundo de uma desapareição forçada, e uma escrita marcadamente melancólica, *Antes do passado* problematiza um dos atos de memória mais relevantes do período da ditadura, que é o tema do desaparecimento, demonstrando que para os familiares dos desaparecidos políticos, o desaparecido é aquele que brilha por sua ausência.

2 GUERRILHA DO ARAGUAIA: UMA HERANÇA A ECOAR NO TEMPO PRESENTE

Em *Antes do passado*, Liniane Brum divide com o público leitor o legado que ela e sua família herdaram do importante período histórico que foi a ditadura militar brasileira. Conforme mencionado, Liniane foi batizada em 1971, com o país vivendo uma ditadura já implementada há sete anos, e tudo o que é descrito ao longo da narrativa só foi possível através do acesso da autora a outros discursos e memórias. A autora menciona o ambiente familiar, a escola, a mídia

e os livros como as principais fontes de informação para que ela construísse a própria memória sobre o período, e passasse a conhecer parte da história do país em que vive. História que ganha outra dimensão para os membros de toda a família Brum, em virtude da participação de Cilon Brum no movimento de resistência ao regime. No meu entendimento, o texto produzido por Liniane está entre os mais apropriados para pensarmos em todas as heranças deixadas pelo regime ditatorial brasileiro: de histórias, de memórias, de traumas. Em muitas passagens da obra é evidenciada pela narradora a lembrança que a figura de Cilon deixou para toda a família: “Se tio Cilon nunca mais ia existir, por que continuava existindo além da carne, doendo além da dor - por que o sangue que não corria mais em suas veias continuava se coagulando nos veios da família?” (BRUM, 2012, p.29). A autora sentia impossibilidade em dar segmento a própria vida, como se só fosse possível seguir adiante após elucidar minimamente as circunstâncias do paradeiro do tio, através do resgate desse tempo passado:

Foi quando compreendi que minha busca só se completaria se conseguisse refazer o elo rompido pela brutalidade do regime militar de 1964. Daí em diante a obra se iluminou e nasceu *Antes do passado*. História fragmentada e incompleta, feita daquilo que foge à minha própria compreensão. Trabalho visceral que deu sentido a minha vida ao reconstruir a vida de meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum. (BRUM, 2012, p. 13).

Isto posto, torna-se relevante a reflexão sobre a história herdada pela geração descendente àquela que vivenciou os fatos. Passados quase dez anos da publicação de *Antes do passado*, Liniane publica um pequeno texto em que reflete sobre a composição da narrativa e o seu processo de escrita, sobretudo no que se refere ao encaminhamento que se desenvolveu entre o processo e a forma final de seu texto. Mais uma vez são enfatizados os sentimentos herdados pelos familiares do desaparecido político – a ditadura acabou, mas os descendentes sentem seus reflexos até o tempo presente:

No âmbito íntimo tratava-se de lidar com um contexto não militante e bem pouco afeito ao progressismo. Cilon nasceu e cresceu numa família, salvo engano, conservadora em seus costumes e na postura política. Meus avós, até onde consegui apurar, estavam alinhados com o *status quo* da época. Por outro lado, a brutalidade com que Cilon desapareceu (ele foi executado e, tudo indica, seus restos mortais deixados ao relento), criou para aquele núcleo familiar uma rachadura inconciliável, jamais transposta, visto que a morte, tanto do meu tio-padrinho, quanto dos meus avós e de seus outros filhos, de circunstâncias naturais, não apagou da vida de quem ficou a nódoa esburacada e cinzenta. Falar de Cilon foi, por muito tempo, enfrentar fantasmas, dores indizíveis e preconceitos seculares. (BRUM, 2020, p. 205)

Em algumas passagens percebe-se que, durante a infância, foram os livros a fonte de informações da autora sobre a situação de seu tio e sobre a Guerrilha do Araguaia, já que a família pouco conversava com ela sobre o assunto:

Eu tinha quinze anos quando ganhei o livro *Brasil nunca mais*. Um relato minucioso da ação repressiva do governo ditatorial de 64, baseado inteiramente em processos militares. Torturas de todo tipo, brutalidades inimagináveis para a menina que eu era. E, num dos anexos finais - uma lista de desaparecidos políticos -, impresso, seu nome: Cilon Cunha Brum, Araguaia, 1973. Será que meu padrinho nunca iria voltar?

Em 1995 foi minha vez de partir para São Paulo. Nesse mesmo ano, fui com a prima Édila, que também morava na capital paulista, numa reunião de familiares de mortos e desaparecidos.

No ano seguinte, o governo brasileiro reconheceu como mortos os desaparecidos políticos. Foi atestado o óbito de tio Cilon. Seu corpo, porém, nunca chegou para o enterro. (BRUM, 2012, p. 23)

A questão da memória das gerações descendentes é problematizada pela teórica Marianne Hirsch (2021), que pensou o termo pós-memória para designar o que ela entende por uma estrutura geracional de transmissão integrada em múltiplas formas de mediação, que vão desde as formas privadas e íntimas até aquelas que são compartilhadas e públicas. Com isso, delimitou uma distinção entre a pós-memória estritamente familiar, e outra que seria mais ampla:

Para isso, tentei explicar a diferença entre uma identificação e projeção intergeracional vertical, que ocorre entre filhos e pais dentro da família, e uma identificação horizontal intrageracional, que faz com que a posição do filho apareça amplamente disponível para outros contemporâneos. A pós-memória afiliativa pode abranger um coletivo maior em uma rede orgânica de transmissão. (HIRSCH, 2021, p. 12-13, tradução minha)⁶

Nas palavras da autora, refletir sobre a pós-memória a tornou suscetível para perceber as conexões entre histórias e grupos divergentes. Considerando que o ponto de partida de seus estudos se deu a partir da violência catastrófica do Holocausto, Hirsch defende que nem o Holocausto, nem qualquer outra catástrofe coletiva podem operar como um caso conceitual limite para a discussão do trauma histórico, da memória e do esquecimento:

A memória dos genocídios das vítimas armênias, cambojanas e ruandesas, as histórias da escravidão, do colonialismo e do imperialismo, a expropriação de vidas indígenas em todo o mundo, a violência maciça da guerra, o terror e as ditaduras autoritárias: tudo isso se transmite de geração para geração por formas semelhantes ou relacionadas. Embora essas histórias não sejam comparáveis, sua memória é, nos termos do crítico cultural Michael Rothberg, "multidirecional", ou, em minha formulação, conectiva. Elas, e os meios de comunicação através dos quais se comemoram, são ou podem estar conectados, seja histórica, política ou estruturalmente. (HIRSCH, 2021, p. 14, tradução minha)⁷

⁶ No original: Para ello, he intentado explicar la diferencia entre una identificación y proyección intergeneracional vertical, que ocurre entre hijos y padres dentro de la familia, y la identificación horizontal intra generacional, que hace que la posición del hijo aparezca como ampliamente disponible a otros contemporáneos. La posmemoria afiliativa puede abarcar a un colectivo más grande en una red orgánica de transmisión.

⁷ No original: La memoria de los genocidios de los armenios, camboyanos y de las víctimas de Ruanda, las historias de la esclavitud, el colonialismo y el imperialismo, la expropiación de las vidas de los indígenas en todo el mundo, la violencia masiva de la guerra, el terror y las dictaduras autoritarias: todos estos se transmiten de generación en generación por vías similares o relacionadas. Aunque estas historias no son comparables, su memoria es, en los términos del crítico cultural Michael Rothberg "multidireccional", o, en mi formulación, conectiva. Ellas, y los medios de comunicación a través de los cuales se conmemoran, son o pueden estar conectados, ya sea histórica, política o estructuralmente.

Por consequência, para pensar a memória das gerações descendentes àquelas que viveram os acontecimentos, a autora propõe o termo pós-memória, que na sua leitura se distingue da memória devido a uma distância geracional, e da História devido à existência de uma conexão pessoal profunda, tornando-se assim o que ela denomina de uma forma muito particular de memória:

A pós-memória é uma forma poderosa e muito particular de memória precisamente porque a conexão com seu objeto ou fonte está mediada não através da recordação, mas sim através da imaginação e da criação. *Isso não quer dizer que a memória em si não seja mediada, mas sim que está mais diretamente conectada ao passado.* A pós-memória caracteriza a experiência daqueles que cresceram dominados por narrativas que precederam ao seu nascimento, cujas próprias histórias são deslocadas pelas histórias da geração anterior formada por eventos traumáticos que não podem ser compreendidos ou recriados. Desenvolvi esta ideia em relação aos filhos de sobreviventes do Holocausto, mas acredito que possa ser útil para descrever outras memórias de segunda geração sobre acontecimentos e experiências culturais ou coletivas traumáticas. (HIRSCH, 2021, p. 48, tradução minha, grifos meus)⁸

Apresentando um contraponto, Beatriz Sarlo (2007) discorre sobre a memória das gerações seguintes àquelas que sofreram ou protagonizaram os acontecimentos, passando assim a examinar o conceito de pós-memória, inicialmente proposto pela teórica Marianne Hirsch:

A palavra pós-memória empregada por Hirsch e Young, no caso das vítimas do Holocausto (ou da ditadura argentina, já que se estendeu a esses fatos) descreve o caso dos filhos que reconstituem as experiências dos pais, apoiados nas memórias deles, mas não só nela. A pós-memória, que tem a

⁸ No original: La posmemoria es una forma poderosa y muy particular de memoria precisamente porque la conexión con su objeto o fuente está mediada no a través del recuerdo, sino a través de la imaginación y la creación. Esto no supone decir que la memoria en sí misma no esté mediada, pero sí que está más directamente conectada al pasado. La posmemoria caracteriza la experiencia de aquellos que han crecido dominados por narrativas que precedieron a su nacimiento, cuyas propias historias son desalojadas por las historias de la generación anterior formada por acontecimientos traumáticos que no pueden ser entendidos ni recreados. He desarrollado esta idea en relación con los hijos de sobrevivientes del Holocausto, pero creo que puede ser útil para describir otras memorias de la segunda generación sobre acontecimientos y experiencias culturales o colectivas traumáticas.

memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui e, por isso, Young a qualifica como “vicária”. Mas mesmo caso se admita a necessidade da noção de pós-memória para descrever a forma como um passado não vivido, embora muito próximo, chega ao presente, é preciso admitir também que *toda experiência do passado é vicária*, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato. Toda narração do passado é uma representação, algo dito *no lugar* de um fato. O vicário não é específico da pós-memória. (Sarlo, 2007, p. 93, grifos da autora)

Com isso, Sarlo ressalta que o relato de qualquer pessoa, independentemente de haver vivenciado ou não um fato, sempre será vicário, já que a narração da experiência sempre será um substitutivo da experiência, posto que nenhum discurso sobre o passado, independente de quem o profere, é capaz de reconstituir o todo. Destarte, a autora defende que não há uma pós-memória, e sim diferentes formas de memória:

Não há, então, uma “pós-memória”, e sim formas da memória que não podem ser atribuídas diretamente a uma divisão simples entre memória dos que viveram os fatos e memória dos que são seus filhos. É claro que ter vivido um acontecimento e reconstituí-lo através de informações não é a mesma coisa. Mas todo passado seria abordável somente por um exercício de pós-memória, a não ser que se reserve esse termo exclusivamente para o relato (seja ele qual for) da primeira geração depois dos fatos. (SARLO, 2007, p. 112-113)

Argumento que o trabalho de memória desenvolvido por Liniane Brum em *Antes do passado* possa ser compreendido partindo do conceito de pós-memória proposto por Hirsch, uma vez que a observação empreendida por Sarlo, de que a narração de uma memória não condiz com a exatidão do que efetivamente ocorreu, já permeia a interpretação de todos os textos literários que tematizam o evento traumático que foi a ditadura, dada a já mencionada diferença de planos entre aquilo que é vivido e aquilo que é lembrado e posteriormente narrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo empreendido duas viagens à região do Araguaia, investigado um vasto arquivo sobre a guerrilha e entrevistado diversas pessoas entre familiares, militantes e moradores do Araguaia, a sobrinha reconstrói parte da vida do tio em *Antes do passado* partindo da memória da geração que a antecedeu. A partir de sua narrativa, podemos constatar que a Guerrilha do Araguaia deixou sequelas nas famílias dos militantes e também nos moradores do local, ocasionando em um trauma de difícil superação, dadas as atrocidades cometidas para com aqueles que lá estiveram. Passadas décadas do ocorrido, as páginas de *Antes do passado* evidenciam a permanência da indignação, do desconhecimento e do desconforto para com um dos episódios mais truculentos da ditadura militar do Brasil:

Descobri que também no Pará, no Tocantins e no Maranhão havia feridas abertas. No norte do Brasil, no meio de despistes e anonimatos, codinomes e senhas, havia fendas. E entre o interdito, houve o dito. Houve quem falasse. E dizendo desenharam silhuetas, refizeram linhas e contornos, reconfiguraram traços – foram tirando o véu da fumaça, não todo – e enxerguei tio Cilon no Araguaia, lugar proibido, local de sumiço. Vida feita tragédia poética.

Foi quando compreendi que minha busca só se completaria se conseguisse refazer o elo rompido pela brutalidade do regime militar de 1964. Daí em diante a obra se iluminou e nasceu antes do passado. História fragmentada e incompleta, feita daquilo que foge à minha própria compreensão. Trabalho visceral que deu sentido a minha vida ao reconstruir a vida de meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum. (BRUM, 2012, p. 12-13)

As palavras de Liniane Brum eternizam a figura de Cilon Cunha Brum, rompendo parte do silêncio que circundava sua trajetória, e são a demonstração de uma literatura que possibilita a aproximação com os fatos históricos de maneira singular, poética e porque não dizer redentora, evidenciando o contexto histórico da Guerrilha do Araguaia como uma herança a ecoar no tempo

presente. Pertencendo à geração descendente daqueles que viveram o regime ditatorial brasileiro, Liniane Brum teve acesso às memórias oriundas do período a partir de uma estrutura geracional de transmissão, que foi mediada, no caso dela, tanto pela esfera pessoal quanto pela esfera pública. Assim, sob o que Hirsch (2021) denomina de forma particular de memória, Liniane reconstitui parte das experiências do tio partindo de uma estrutura de pós-memória, que será fortemente ancorada na imaginação e na criação, visando uma aproximação com o que teriam sido as experiências traumáticas vividas pelo tio durante a ditadura.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

BRUM, Liniane Haag. Antes do passado: entre o antes e o depois. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de, THOMAZ, Paulo C. (orgs.). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CATELA, Ludmila da Silva. *Situação-limite e memória: reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina*. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2001.

CORONEL, Luciana. *Antes do passado*, de Liniane Haag Brum: o tempo da memória em que a palavra germina o futuro. In: GOMES, Gínia Maria (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente. Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: ED Imago, 2006.

GATTI, Gabriel. Regreso al vacío: sobre ausencia y desaparición social. *Oñati Socio-legal Series*, v. 9, n. 2, p. 183-197, 2019.

GOMES, Gínia Maria (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021.

HIRSCH, Marianne. *La generación de la posmemoria: Escritura y cultura visual después del Holocausto* (Spanish Edition). Trad. Pilar Cáceres. Editorial Carpe Noctem, 2ª ed. 2021. Edição do Kindle.

HIRSCH, Marianne. *Marcos familiares, fotografía, narrativa y posmemoria*. Tradução de: Irene Depetris Chauvin. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de, THOMAZ, Paulo C. (orgs.). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 18 de abril de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 09 de junho de 2023.